A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1898 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 16 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Boca, 71

Preço 1 centavo

O que é exacto

Do ministerio da marinha baixou hontem uma nota officiosa, que publicámos, na qual se pretende demonstrar ter a «Capital» faltado á verdade, ao referir-se ao celebre documento de que constam as accusações da guarnição da «Zambeze» a dois officiaes d'aquelle navio de guerra.

De dicionario em punho o sr. ministro da marinha pretendeu confundir-nos, sem se lembrar de que acima dos recursos do vocabulario está a eloquencia decisiva dos factos. Assim, toda a argucia da nota officiosa se esbriba em accentuar que não foi deturpado na sua significação esse documento, nem nada se truncou de maneira a não dar o esclarecimento preciso do processo.

As considerações de «A Capital»—diz a nota—são menos exactas. O que é menos exacto é o que a nota pretende provar.

Os trabalhos da commissão de marinha apparecem truncados. Esta é a verdade indiludivel. Elles constituem um todo no qual se não póde tirar uma parte sem que por completo se desvirtue a sua significação e annule á sua importancia. Pondo de parte o documento da «Zambeze» a accusação contra os officiaes n'elle alvejados perde um elemento essencial. E se fazer isto não é truncar, só doriamos a classificar este procedimento d'uma fórma que, incluindo a mesma noção, ainda a aggravaria sensivelmente para os responsaveis de tal procedimento.

Ainda mais flagrante é a deturpação a que alludimos, e relativa ao mesmo documento. E' preciso que se considere que as palavras não teem só um sentido lexycographico: teem tambem uma significação moral. O documento da «Zambeze» não é um documento anonymo. Elle contem uma relação de 87 praças e officiaes inferiores d'aquella canhoneira, como testemunhas dos factos. Varias praças foram chamadas e ouvidas pela commissão, entre ellas o 1.º fogueiro 1.225, o 1.º artilheiro 1.878, o 1.º cozinheiro 1.474, o 2.º artilheiro 2.988, o 1.º artilheiro 1.680, o 2.º artilheiro 3.421, e ainda outros. Como se póde affirmar que se trata d'um documento anonymo, com toda a baixeza moral que este termo estygmatisa, quando lhe 87 marinheiros apontados, uns pelo seu nome, outros pelos seus numeros, para o esclarecerem com os seus depoimentos? Atraz d'esses nomes, atraz d'esses numeros estão homens. E esses homens, que pertencem á heroica marinha portugueza, teem a zelar a sua dignidade propria, a dignidade da classe a que pertencem, a dignidade da propria Republica, da propria Patria, de que a nossa marinha fórma parte integrante?

Estes jogos de palavras não illudem as questões. Podem as notas officiaes do sr. ministro da marinha serem melhor ou peor redigidas, conforme correm mais propicias ou mais agrestes as brisas do Campo Grande, sob cujos copados arvoredos consta que são laboriosamente elaboradas. O que é certo é que sobre marinheiros portuguezes, com os quaes se solidarisam os seus camaradas dos outros navios de guerra, pesa a accusação vexatoria de que só na sombra, escondendo-se traiçoeiramente, cobardemente, sabem formular as accusações que a sua fé republicana lhes inspira!

O que se está passando é grave, e não ha convenção possivel que possa dissimular a sua gravidade. A opinião republicana tem o seu juizo formado, e elle é d'uma exactidão absoluta. Na realidade, estes incidentes derivam do prolongamento d'uma situação a que já fallou a logica e que nenhuma força robustece. O sr. José de Castro deve ser o primeiro a reconhecel-o. Presidiu a um governo, que teve uma missão a desempenhar, missão de sua natureza transitoria. Desde que a vontade do paiz falou pela bocca das urnas, pronunciando-se por um partido que lhe pedira o seu voto para governar, essa missão estava virtualmente finda. Ninguem póde reagir contra as indicações da soberania nacional, nem póde tentar illudil-as ou sophismal-as. Reunido o parlamento, da sua maioria devia sugerir o novo governo. Addiou-se o inicio d'essa nova situação ministerial para a inauguração da nova presidencia da Republica. Todos viram n'esta resolução um desbaratinho de consideração para um governo que sahira do glorioso movimento de 14 de maio e atravessára as horas difficeis do periodo revolucionario. No dia 5 d'outubro pela bocca do sr. José de Castro devia pedir a sua demissão. Elle proprio declarou que o faria como uma resolução assente. Era uma excellente occasião de depôr o seu pesado fardo.

Mas o sr. José de Castro ficou. Procedeu, na realidade, como se apenas d'uma formalidade se tratasse. E eis que se obriga a no poder, não podendo fazer nada, porque quem se encontra sempre amea- gado de desapparecimento, a toda a hora, a todos os instantes, nada, com effeito, pode fazer. Perdão. Enganamo-nos. O que se está passando com a marinha, prova que se póde fazer alguma coisa: prejudicar a Republica da maneira mais grave e mais insolita.

Usem a Agua do Mouchão da Povoa
no tratamento das doenças de pelle.

Collegio Militar

Meu caro Manuel Guimarães.—Permitta-me que saia das secções que habitualmente assigno n'*A Capital* para rectificar um erro de factos, que se contem no artigo hontem publicado n'um jornal da noite ácerca do Collegio Militar e em que sou directamente visado.

Fui collocado n'aquelle estabelecimento de ensino em 23 de maio ultimo, como professor interino do grupo de portuguez e francez, não para substituir um professor desalojado do seu logar em virtude dos acontecimentos de 14 de mesmo mez, mas para preencher provisoriamente um logar vago pela demissão voluntaria do official proprietario da cadeira. Fui proposto pelo então director do Collegio Militar, coronel Ferreira Gil e a escolha foi sanccionada pela approvação unanime do conselho escolar. Seria fazer injuria áquelle official e ao corpo docente suppôr que no caso houve imposições de qualquer especie.

Portanto, não posso estar preoccupado com a reintegração dos professores afastados. Irei exercendo interinamente as funcções do meu logar até que n'ellas seja definitivamente confirmado pelo exito de um concurso, a que nunca pensei esquivar-me ou d'ellas seja afastado n'esse mesmo concurso por um camarada mais competente. D'aqui até lá exercerei essas funcções com a maior assiduidade e o melhor desejo de acertar e manter as tradicções honrosas de aquella casa de ensino.

Sem ter procuração para defender os srs. capitães Lino Ferreira e Santos Paiva, officiaes escolhidos pelo director e conselho escolar para substituir os professores deslocados, cumpre-me, por dever de camaradagem, protestar contra as phrases que lhe são dirigidas conjunctamente com as que me attingem. Todos sabem que são officiaes absolutamente alheios á politica, de melhor competencia nos logares para que foram escolhidos e nos quaes souberam grangear a estima justissima dos seus collegas e dos seus alumnos.

Quanto ao mais que no artigo acima citado se me applica, desafio quem quer que seja a que prove com factos concretos que a politica, a malfadada politica d'esta terra, me serviu alguma vez para tratar dos meus interesses ou prejudicar os dos meus camaradas. Toda a minha vida tenho pedido exclusivamente ao meu trabalho, exercido sempre com independencia, se não com brilho, as situações aliás modestas que tenho occupado. Não sei entrar em parte alguma por portas escusas e não devo, nunca pedi, nem pedirei á Republica o menor favor pessoal. Não tenho tomado nas agitações politicas do nosso tempo senão a parte mediocre que corre publica e impressa com o meu nome. D'essa assumo inteira responsabilidade e engeito cathegoricamente qualquer outra que se me queira attribuir.—Seu do coração, *André Brun.*

Querem lanchar bem e cear melhor?
Vão á Argentina. *Rua 1.º Dezembro,*

A medicina e os pobres

Amanhã, deve abrir em Lisboa uma policlinica modelar

Lisboa talvez seja a cidade europeia onde os serviços clinicos são mais caros. Ao mesmo tempo, das grandes capitaes da Europa, Lisboa não é, seguramente, a que possue os seus serviços de assistencia hospitalar mais abundantes e mais acessiveis. Baralear a medicina e a cirurgia, nas suas diversissimas e complexas applicações chega, por isso, a ser entre nós uma grande obra de benemerencia. O doente pobre ou de modestos recursos tem tanto direito, pelo menos, a ser bem tratado como o doente rico, que possa pagar com punhados d'oiro a assistencia dos melhores medicos. E se é assim, o que é natural e louvavel? Isto apenas: que os bons medicos, compenetrando-se da sua missão, tornem accessiveis os seus beneficios a todos que d'elles necessitem nas horas angustiosas da doença. Foi, decerto, em obediencia a este principio cheio de humanidade que obedeceu o grupo de medicos que acaba de fundar em Lisboa mais uma Polyclinica. Funccionará esse instituto no predio n.º 250 da rua da Prata, que soffreu, para o effeito, grandes transformações. E' ali que os medicos que se reuniram para levar a cabo esta obra benemerente instalarão as suas clinicas para as classes pobres.

Mas, dentro em pouco, a Polyclinica Lisbonense terá annexos, uma casa de saude, por preços modestos, e um estabelecimento hydroterapico. Presentemente, ella possue já uma instalação propria, sem luxo mas onde nada falta, onde se encontram os mais modernos apparelhos de electricidade medica—Raios X, Alta Fréquencia, Diathermia, Massagem, etc.—como decerto outra instituição os não possue em Lisboa. A' frente da nova Polyclinica estão verdadeiras sumidades, como por exemplo os professores Aurelio Bettencourt e Ayres Kopke, a cargo de quem ficam as analyses de urinas, sangue, expectoração, etc. O dr. Ary dos Santos terá a seu cargo as doenças de garganta, nariz e ouvidos, o dr. Silva Araujo incumbir-se-ha da clinica cirurgica, o dr. Francisco Cruz das doenças das senhoras, o dr. Arthur Ravara das doenças das vias urinarias, o dr. Cassiano Neves da clinica medica e das doenças pulmonares e cardio-vasculares, os drs. Sobral Cid e Moreira d'Azevedo das doenças nervosas, mentaes e da electro-terapia, o dr. Carlos Lopes da clinica geral e da syphilis, o dr. Miguel dos Santos das doenças da bocca, o dr. Leonel de Macedo das doenças das creanças e o dr. Xavier da Costa das doenças dos olhos.

Como se vê, não era facil reunir um grupo de medicos que mais garantias de competencia e de saber profissional pudessem dar. Só por si, elles são o penhor de que todos aquelles que recorrerem á Polyclinica Lisbonense encontrarão ali a assistencia medica e cirurgica que os seus soffrimentos requererem e que a modestia dos seus recursos não lhes permittirá ir procurar n'outra parte. Os iniciadores e fundadores do novo instituto são, pois, dignos dos maiores louvores, tão proficuamente hão de fructificar os esforços que vão empregar para reduzirem o soffrimento alheio e o infortunio d'aquelles que, sendo pobres, teem muitas vezes, por falta de recursos, de se privar dos tratamentos que os seus males exigem.

UMA QUESTÃO IMPORTANTE

E' preciso baratear o assucar

Vende-se em Portugal por preços excessivos, superiores aos de qualquer outro paiz

Portugal é o paiz das anomalias. E é tambem a terra das coisas que ankisolam, que endurecem, que petrificam, que não giram nem evolucionam. Por virtude de velhos preceitos administrativos, temos ainda hoje pautas alfandegarias que, ao mesmo tempo que encarecem extraordinariamente a vida, evitam que progridam certas industrias com todas as condições de prosperidade ao seu alcance, emquanto outras, tendo-se recolhido commodamente á sombra da protecção que lhes dispensam, nunca trataram de se aperfeiçoar, de melhorar os seus productos, de procurar dispensar um dia essa protecção, que nunca poderia ter sido concedida a titulo definitivo. O proteccionismo aduaneiro para as industrias não póde ser nunca senão um estimulo. Transformal-o em sistema fixo, em condição primaria e imprescindivel para a existencia d'uma industria qualquer, é preverter o seu objectivo e entravar o progresso industrial de qualquer paiz. As pautas não são, não foram nunca uma couraça impenetravel. Quando muito, jámais passaram d'uma arma poderosa, por virtude da qual o trabalho d'um paiz póde, ao abrigo da concorrencia estrangeira, e no periodo de iniciação e desenvolvimento, attingir o grau de actividade productiva a que aspirar e que de direito lhe pertencer.

A industria do chocolate é, porém, das que não gosam de protecção digna d'esse nome. Mais: o assucar, que é uma das suas principaes materias primas, consóme-o ella pelo preço que o consómem todos. E não ha paiz no mundo onde o assucar seja mais caro. E', positivamente, até ás moedas. Porque? Porque sobre o assucar pesam direitos de tal maneira excessivos, que o transformam, não n'um genero que fique ao alcance de todos e se encontre em toda a parte, por preços razoaveis, mas n'uma preciosidade rarissima, que só os abastados e os ricos tem o direito de alcançar, de saborear e de consumir. Os protestos, as suffocadas indignações contra este estado de coisas ha muito que se fazem ouvir e sentir, ameaçando quando menos se esperra, erguer-se em verdadeiros clamores.

—O assucar, diz-nos um homem que, pelos seus vastos conhecimentos dos assumptos economicos e sociaes, tem toda a auctoridade para falar, é ainda hoje para as classes pobres, um raro e precioso manjar. Attente-se, por um pouco, no orçamento d'uma familia citadina, que não disponha, para seu sustento de mais de quatro ou cinco tostões. Ver-se-ha que ao assucar se destina, pelo menos, a terça parte dos recursos diarios de que essa familia póde dispôr. E' isto justo? E' porventura humano que se prive a gente pobre de assucar e que as classes que mal angariam aquillo de que necessitam para viver estejam condemnadas a não saber, se não de raro em raro, o sabor do assucar? Creio bem que não e estou seguro de que não haverá ninguem que se atreva a applaudir este estado de coisas.

«Depois, em Lisboa ainda as classes pobres, á custa de sacrificios de toda a ordem, conseguem dar-se ao luxo de ter assucar, uma vez por outra para seu uso, muito embora o poupem avaramente e o tomem como quem toma um remedio de que não se póde abusar. Mas na provincia? Ahi, o mal aggrava-se espantosamente. Ha povoados onde o assucar entra de raro em raro; e na maioria dos lares de trabalhadores e de cavadores elle só apparece quando a doença, de braço dado com a morte, bem frequentemente se infiltra nos humildes tugurios onde a miseria das populações campesinas se acoita. E' por isso que Portugal é o paiz do mundo que consóme menos assucar, apesar de o ter, e magnifico, nas suas colonias d'Africa.

Por alguns minutos, desviamos a conversa interessantissima para outro assumpto que surge incidentemente. Depois, a pessoa com quem o acaso nos fez deparar continua assim:

—E sabe porque o assucar se vende em Portugal por preços exorbitantes? Simplesmente por causa dos direitos que lhe são impostos na alfandega. A pauta fixou-os ha mais de duas dezenas d'annos, quando nas colonias portuguezas da Africa mal se produzia assucar. Olhou-se apenas ao lucro que o Estado auferia, sem se cuidar de poupar o consumidor. E' assim que o assucar importado paga cento e quarenta e cinco réis por cada kilo, exceptuando-se d'esse imposto esmagador só o assucar de Angola e Moçambique sujeito a «bonus». Em nenhum paiz do mundo acontece isto. Em todos elles o assucar se vende, em circumstancias normaes, por preços ao alcance de todos. Dizer-se que semelhante anomalia não póde continuar, que é preciso favorecer o consumo do assucar, procurar baratteal-o e vulgarisal-o é já um logar commum. Mas é uma grande verdade, que nunca é de mais repetir, para ver se os governos se compenetram d'ella e se deixam convencer.

«Que meios ha para se alcançar semelhante coisa? Ha de haver muitos. Mas para que elles deem resultado, tem de ser atacado o problema bem de frente. E' preciso, nem mais nem menos do que reduzir os direitos alfandegarios, fixal-os no que fôr justo, procurar fornecer o assucar ás classes desprovidas de fortuna em condições que lhes permittam applical-o abundantemente á sua alimentação. Dir-se-ha que o Estado, se tal fizer, perderá algumas centenas de contos. A principio, assim acontecerá. Depois, porém, tempo ao tempo, porque para vulgarisar um producto, não foi nunca de bom conselho encarecel-o. O assucar mais barato irá onde não vae agora. Será consumido, em quantidade muitissimo maior, de maneira que, a breve trecho, o Estado veria as suas receitas fiscaes, provenientes do imposto sobre o assucar, inteiramente equilibradas. E' intuitivo, pois não é verdade? Pois isto que todos nós percebemos á legua não o comprehende a nossa administração publica. E por não o comprehender, succede esta coisa estranha de em Portugal, que tem nas suas provincias ultramarinas mais assucar do que o seu mercado exige, luctar com falta d'esse genero e só alcançar aquelle que lhe é estrictamnete indispensavel a preços elevadissimos e absolutamente exagerados.

E por ultimo, a pessoa que assim se occupa d'este assumpto diz mais:

—As pautas não pódem ser instrumentos rigidos, inalteraveis, inadaptaveis ás necessidades do paiz. E' preciso modifical-as de quando em quando, modernisal-as, expurgal-as de quantas violentas e injustificaveis disposições n'ellas haja a entravar o desenvolvimento economico, industrial e commercial d'um paiz. E estou certo de que a revisão das nossas pautas, sendo fatal, está por pouco. Ellas não podem continuar tal como se encontram. Ha industrias que ao abrigo d'ellas ainda mal deram um passo para progredir? Pois é preciso obrigal-as a sahir do seu casulo de commodismo e forçal-as a ter vida propria. Ha outras que se montaram depois das pautas vigorarem e que, por esse motivo, se sentem dentro de verdadeiras camisas de forças, tanto os seus interesses estão em contradicção e em flagrante antagonismo com os interesses, pouco legitimos, do Estado? Pois que se deem a estas os elementos de vida que lhe são indispensaveis, favorecendo-se-lhes o desenvolvimento constante e o progresso sem sobresaltos. Urge obrigar o assucar a descer de preço para que as classes menos abastadas possam consumil-o abundantemente. Mas tambem é necessario que o assucar possa ser adquirido mais barato pelas industrias que n'elle teem a principal materia prima. Pois é, porventura, razoavel, que tendo nós, os portuguezes, por exemplo, cacau e assucar em extraordinaria abundancia, mandemos o cacau para o estrangeiro para de lá importarmos os chocolates? Eu creio que não...»

Não ha remedio senão concordar com este homem pratico, largamente conhecedor das coisas commerciaes e industriaes da nossa terra. E o Estado? Esse, quando um dia fôr servido por governantes modernos, sabedores, desempoeirados e capazes de atacar de frente os grades problemas economicos, não terá remedio senão render-se á evidencia, porque perceberá então que todo o seu empenho reside em favorecer o trabalho e não em o difficultar manietando-o. Esta questão do assucar é das mais interessantes da nossa economia nacional. Havemos de nos occupar d'ella como desenvolvimento, porque estamos convencidos de que alguma coisa se poderá dizer capaz de a esclarecer em muitos dos seus importantissimos aspectos.

UMA BELLA INICIATIVA

"ATLANTIDA"

Mensario artistico, litterario e social para Portugal e Brazil

Appareceu á venda em todas as livrarias o primeiro numero da grande revista mensal, a que já alludimos, e que tem como directores João de Barros, o primoroso poeta, e João do Rio, o brilhante jornalista fluminense, revista intitulada «Atlantida» e que se destina a Portugal e Brazil.

O seu aspecto material é excellente, póde dizer-se luxuoso, comprovando o bom gosto de Pedro Bordallo Pinheiro, o seu editor, e honrando as officinas de Libanio da Silva, que hoje são das primeiras de Lisboa. Contem 95 paginas e, além da reproducção d'um quadro celebre de Columbano, «A chaveena de chá», e do famoso retrato de Ramalho Ortigão por Sargent, insere versos de tres insignes poetas: Olavo Bilac, Julio Dantas e Affonso Lopes Vieira; artigos de apresentação por João de Barros e João do Rio, um erudito estudo sobre «A revolução de 1640 e o terror bragantino» por Theophilo Braga, outro sobre «Um diplomata do imperio» por Velloso Rebello, um magnifico perfil de Ramalho por Luiz da Camara Reis e ainda «Campos da minha terra» pelo eminente romancista Teixeira de Queiroz, «Relações luso-brazileiras» por Moreira Telles e «Romance d'um escriptor» pelo notavel homem de lettras Manuel de Sousa Pinto.

Na «Revista do mez» com que fecha o primeiro numero de «Atlantida» collaboram João de Deus Ramos, João de Barros, Mario Carvalho e Avelino de Almeida, que subscreve a chronica de theatres.

Nas «Noticias & Commentarios» a «Atlantida» annuncia a proxima publicação, nas suas paginas, d'uma novella inedita do glorioso escriptor brazileiro Coelho Netto. Intitula-se «Elixir da vida».

«Atlantida» representa, incontestavelmente, um verdadeiro arrojo editorial. Cremos no seu exito absoluto e facil é prever-lhe uma salutar influencia no estreitamento das relações intellectuaes, litterarias e artisticas de Portugal e Brazil.

O preço de cada exemplar é de 25 centavos.

CASA DOS ESPARTILHOS
§ Santos Mattos & C.ª—Rua do Ouro, 123

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

A Revolução de 14 de Maio

por J. Correia dos Santos

O «14 de maio», como abreviadamente é costume designar-se o movimento que poz termo á dictadura Pimenta de Castro, tem já a sua litteratura propria. Contam-se por dezenas as brochuras, folhetos, chronicas e relatorios a que serviu de thema essa incontroversa affirmação do espirito republicano em Portugal. D'entre tudo o que a tal respeito se escreveu, porém, devemos com justiça destacar o trabalho do capitão Correia dos Santos que, sob o titulo de «Subsidios para a historia politica e militar da revolução de 14 de maio de 1915» acaba de vir á luz,e profundamente esclarece, em muitos pontos duvidosos, o que foi esse movimento onde se confirmou, por fórma decidida, a suprema vontade da nação essencialmente republicana e portanto incompativel com dictaduras e dictadores. Isso mesmo reconhece o illustre militar «doublé» de notavel jornalista no prefacio da sua brochura.

«Parece-nos, diz elle, que toda a gente devia ter ficado com a impressão bem nitida de que a Republica está profundamente arreigada na alma popular e que perdem o tempo os que julgam poder derrubal-a».

E' superfluo affirmar que o capitão Correia dos Santos, representando como representou um papel de destaque na sequencia do movimento, possue particular auctoridade para depôr sobre determinados factos em que directamente interveio. Mas o illustrado official não se limitou a narrar o que viu; contanos egualmente o que ouviu ás principaes figuras da revolução triumphante, conquistando assim para a Historia documentos de inestimavel valor.

Lendo, com natural interesse, o seu livro, apenas nos cumpre fazer um ligeiro reparo no que nos toca pela porta, quando a paginas 205 do seu livro o capitão Correia dos Santos regista as declarações do heroico commandante Leotte do Rego. Diz-se n'essa altura que a famosa proclamação revolucionaria dos marinheiros foi impressa nas officinas da «Capital», o que constitue um ligeiro lapso de facil rectificação. Esse historico documento foi composto e impresso n'uma das mais importantes typographias de Lisboa, cujo proprietario, ardente republicano conquistado para o movimento por um dos redactores d'este jornal, se promptificou a compôr e a imprimir por suas proprias mãos, na noite de 13 para 14 de maio, a proclamação revolucionaria que devia justificar moralmente a attitude dos bravos marinheiros da armada.

Termina o livro por um capitulo de «Conclusões» que bem poderiamos classificar de philosophia ao «14 de maio». O bom senso d'essas curtas reflexões salta positivamente aos olhos. Effectivamente, a toda a acção violenta realisada pelas armas deve seguir-se, como complemento logico, a revolução das ideias. Correia dos Santos, affirmando que esse movimento deve ter destruido as ultimas esperanças dos proselitos da monarchia, reclama o estabelecimento de uma nova ordem social, e não seremos nós que viremos contrapôr ao seu raciocinio ardilosos e sophisticos argumentos que o tentem destruir. A brochura do capitão Correia dos Santos, em resumo, constitue uma obra de intrinseco valor, de indispensavel leitura a quantos pretendam patrioticamente acompanhar, com conhecimento de causa, a evolução politica da nossa terra.

Historia Illustrada DA Grande Guerra

A livraria Guimarães & C.ª, editores, da rua do Mundo, acaba de publicar o terceiro volume da «Historia Illustrada da Grande Guerra», profusamente illustrada e que os nossos leitores conhecem já das columnas d'*A Capital*. N'este volume trata-se do avanço allemão sobre Paris, da retirada para o Marne, das batalhas do Marne e do Aisne, da defeza e tomada de Antuerpia, da invasão da Servia, do papel do Japão na guerra, etc. A compilação, escrupulosamente feita, é do nosso collega Garibaldi Falcão e a edição muito nitida.

A'MANHÃ:

Lêr em "A CAPITAL",

A primeira chronica parisiense sobre a guerra europeia por Hermano Neves

A repressão do jogo

Episodios interessantes — Como se joga em terra e no mar — As casas pataqueiras e as casas de luxo

A repressão do jogo continua dando logar a curiosissimos episodios.

Ante-hontem, ás oito horas, parava a uma das portas do palacio Foz uma carroça que, pouco depois, começava a carregar a mobilia e bancas de jogo da casa de tavolagem ali instalada n'um dos pavimentos inferiores e conhecida pela «Commandita». Essa casa fôra assaltada na vespera á noite. Diz-se que até um policia fardado fazia de moço de fretes carregando ás costas com cadeiras e quadros que adornavam as paredes!

A casa era classificada de «pataqueira» e o assalto da policia não se malogrou, segundo affirmavam varias pessoas, porque o porteiro abriu a porta ignorando que se tratava de agentes da judiciaria.

* * *

Na praça dos Restauradores um guarda civico teve que intervir n'uma discussão entre um grupo de partidarios das «pataqueiras» e de paladinos das casas de luxo.

Um boletineiro tentou aggredir uma mulher que, de cabaz nas mãos, se dirigia á praça da Figueira, só porque ella, inteirando-se do que se passava, affirmou:

—E' bem feito! Quem tem muito dinheiro que jogue... Mas que se não consinta que os pobres joguem porque isso só traz a desgraça a muita familia, como succedeu outro dia lá ao pé de mim, na rua do Telhal, em que a visinhança teve de valer a uma mulhersinha com trez filhos, quasi a morrer de fome, porque o marido, um serralheiro de uma fabrica de camas, gastou a féria de duas semanas no jogo!

* * *

Uma d'estas madrugadas, um guarda de serviço no Rocio viu, por volta das quatro horas, chegarem dois automoveis de onde se apearam uns dez individuos.

O civico, decorridos minutos, approximou-se, ouvindo dizer aos «chauffeurs» que os passageiros não passavam de jogadores que foram para os arredores de Lisboa jogar o monte.

Tambem a bordo de uma fragata, atracada ao caes da Areia, se jogou ante-hontem á noite desenfreadamente, contando-se cerca de 30 «pontos». A's 5 horas da madrugada, chegaram quatro automoveis ao caes, levando os «pontos» para a tradicional ceia, onde brindaram certamente pela policia que d'esta fórma foi mais uma vez ludibriada.

A policia, zelosa no cumprimento de ordens superiores, continua perseguindo as batotas modestas e deixando florescer as ricas que, segundo as más linguas, são sempre avisadas quando se preparam assaltos...

E ainda ha quem grite contra a regulamentação do jogo!

EM TORNO DA GUERRA

O que é o exercito servio

Comprehende 300.000 homens — Curiosas declarações de um dos seus officiaes

Salonica, 11 de novembro

As seguintes declarações foram feitas por um official superior servio a proposito da offensiva allemã contra a Servia:

«Esta offensiva era inevitavel, fatal. Impunha-se aos estados maiores dos dois alliados desde que a Turquia se tornára vassala dos imperios centraes, e muito principalmente desde que os Dardanellos se tornaram o objectivo principal dos estados maiores francez e inglez.

A Servia foi sempre o principal obstaculo que se oppunha á passagem da Austro-Allemanha pelas duas grandes vias do Oriente, a da Macedonia para a Salonica, e a da Thracia oriental para Constantinopla.

Pela planicie da Macedonia passa a grande linha ferrea do expresso do Oriente, que se dirige do occidente para as ondas azuladas do Egeu e para as amenas margens do Bosphoro. Esta via é de extrema importancia, e ha muito tempo que os austro-allemães pretendiam occupal-a. Conseguil-o-hão agora depois dos dois revezes austriacos?

Actualmente a situação do exercito servio é das melhores tanto sob o ponto de vista moral do soldado, como quanto a munições e serviços da administração militar.

O exercito do general Putnik conta approximadamente 300.000 homens; este numero tem soffrido varias modificações desde o começo da guerra. O primeiro exercito que se organisou, e contava cinco divisões com 20.000 homens cada uma, soffreu, como era natural, perdas sensiveis durante os primeiros combates, que foram fulminantes.

As segundas tropas que foram organisadas, tambem 100.000 homens, já soffreram perdas menos sensiveis. Estas baixas foram cobertas com a chamada ás fileiras dos homens de 19 e 20 annos, e pelos alistamentos voluntarios de bosnios e servio-croatas. O terceiro exercito que foi levantado, ainda de 100.000 homens, foi destinado exclusivamente á guarda dos caminhos de ferro e das fronteiras bulgaras.

Serão estas tropas capazes de deter a arremettida austro-allemã? Poderão fazer frente a um exercito que os propagandistas allemães avaliam em 600.000 homens, e os servios em 450 a 500.000? Se fôssem apenas os allemães que nos atacassem, a victoria era certa; mas o ataque bulgaro torna o auxilio dos alliados indispensavel. Que os servios podem fazer frente a um exercito de 500.000 e mesmo de 600.000 homens é incontestavel; ainda no anno passado o fizeram com o exercito do general Poloriek que tinha mais de meio milhão de homens, embora os servios não tivessem já organisado regularmente o seu serviço de reabastecimento, e o seu armamento deixasse muito a desejar. Imagine-se que o exercito servio no anno passado tinha espingardas de quatro calibres differentes: a russa, de 7,62; a Mannlicher austriaca, de 8, e uma outra espingarda de 7.

Com a artilharia succedem o mesmo; compunha-se de canhões Schneider, Skoda, Krupp, etc., além de 140 canhões tomados aos turcos na primeira guerra balkanica e que os servios, á falta d'outros, tiveram que aproveitar.

Hoje, porém, as circumstancias são differentes; durante os nove mezes de tranquillidade que se succederam ao revez de Putonick, os alliados tiveram tempo de sobra para reorganisar completamente os diversos serviços do exercito servio. Hoje dispõem os servios de um armamento que nada tem a invejar aos melhores exercitos europeus, cartuxos em abundancia, 16 a 20 milhões d'obuzes de diversos calibres nos depositos e d'uma artilharia completamente reformada.

Assim, a situação do exercito servio é actualmente muito satisfactoria.

Ha uma duzia de mezes, 100.000 homens puderam pôr em fuga um exercito de 200.000 austriacos na famosa batalha de Tzer na região montanhosa de Putnik; porque não fará hoje o mesmo, ou mais ainda, pois que o exercito servio está melhor organisado?

E depois, falando-se da resistencia servia é preciso não esquecer dois factores do successo, de importancia especial: o valor das tropas e a constituição topographica do paiz.

A Servia, separada da planicie hungara pelo Danubio e pelo Save, limitada a oeste pelo Montenegro, ao sul pela Grecia, a leste por uma fronteira commercial, que a separa da Bulgaria, é uma facha de terra extraordinariamente accidentada e justamente denominada o paiz das florestas. Ha n'ella grandes massissos, enormes montanhas, profundas e infranqueaveis ravinas.

Na Servia encontram-se e cruzam-se caprichosamente as ultimas ramificações de todos os grandes systemas europeus. Carpathos, Montanhas da Macedonia, montes da Bosnia e do Montenegro, torrentes, ribeiras, e rios. Os montes servios attingem frequentemente 2.000 a 3.000 metros; todos estes accidentes do terreno tornam de difficil accesso o paiz.

Alem d'isso o moral das tropas servias é um trumpho importante para a victoria; a familia servia, tão solidamente organisada, é sobretudo patriota. Os servios são quasi todos camponezes, resistentes no combate, esforçados na lucta; a altivez do servio perante a adversidade, a sua irreductivel fidelidade ás tradições nacionaes, e a sua tenaz confiança no futuro tornam-o um inimigo para temer.

Pode-se ficar convencido de que este valente exercito que fez frente a dois exercitos austriacos egualmente resistirá á nova investida austro-allemã. Basta para isso que os alliados o ajudem, encarregando-se de deter os bulgaros.

NA ESCOLA DAS BELLAS ARTES

A exposição das provas para o concurso da cadeira d'esculptura

motivou uma homenagem ao esculptor Costa Motta

Pela aposentação do sr. Simões d'Almeida foi aberto concurso para o provimento da cadeira de esculptura da Escola de Bellas Artes de Lisboa, a que se apresentaram os srs. Costa Motta e Simões d'Almeida Sobrinho, ambos elles artistas de merecida nomeada.

Tendo-se já feito a classificação, foram hoje expostas ao publico, na sala de desenho de figura da Escola as provas dadas pelos dois concorrentes, que são de dois generos differentes: uma de nu academico, copia textual do modelo; a outra, a interpretação de uma figura historica, o infante D. Henrique.

O infante do Simões Sobrinho é theatral, decorativo, enroupado, minucioso em pequenos detalhes; o de Costa Motta é sobrio, simples, despido de apparato, arcando francamente com a difficuldade de fazer-lhe resaltar da phisionomia o pensamento que o anima.

O infante do Simões Sobrinho é um bonito homem de trinta a quarenta annos, de faces arredondadas, mãos polpudas e cuidadas de quem passa a vida tranquilla e desoccupada; tem na cabeça o caracteristico chapeu da epocha, está envolvido na ampla capa, sentado sobre uns rochedos, segurando uma carta geographica n'uma das mãos, emquanto na outra apoia a face, que olha para deante.

Mas a sua physionomia dá-nos a impressão de alguem que, contrariado, espera por uma pessoa que se demora, e não de quem se sente demorado por uma ideia cuja grandiosidade lhe conquistará a immortalidade atravez dos seculos.

As roupas dão-nos a ideia de serem finos linhos, moldaveis, quebrando-se em nitidas pregas, e não os pesados brocados de seda da epocha, rigidos, que não quebram em flacidas pregas mas encanudam, em rolos alongados; apesar de sentado nos rochedos do promontorio de Sagres, o vento não lhe descompõe as pregas das roupagens, nem lhe desfaz a disposição elegante do veu que lhe enfeita o caracteristico chapeu com que todos os velhos retratos nol-o representam.

Em profundo contraste, o infante de Costa Simões é de uma simplicidade empolgante; a cabeça está descoberta, as roupas são singelas: um modesto gibão, denunciando-lhe apenas a sua alta gorarchia o collar que lhe pende do pescoço.

Desataviado de roupagens, deixando vêr as proporções harmoniosas do corpo, está no silencio da sua camara, sentado, junto dos seus livros, tendo na mão uma carta, e dentro do cerebro, a transparecer-lhe na face sulcada do homem queimado por uma ideia fixa que durante longos annos o vem roendo, o pensamento grandioso de «dar ao mundo velho um novo mundo».

Uma duvida constante parece consumil-o, e o olhar paira-lhe longe, distante, tão distante que não se sabe se acompanha as peripecias de um dourado sonho ou se se enleva na previsão de uma risonha realidade que se lhe desenha.

O jury deu a primeira classificação ao sr. Simões Sobrinho.

A exposição, que se prolongará por oito dias, foi hoje muito visitada vendo-se ali todos os nossos artistas, não só esculptores mas tambem, pintores e architectos dos mais cotados. Entre os visitantes esteve tambem o sr. dr. Theophilo Braga.

Os alumnos da Escola de Bellas Artes, e alguns artistas novos que não quiseram concorrer por não se atreverem a competir com Costa Motta, organisaram uma manifestação ao grande mestre classificado em segundo logar que é talvez um protesto, embora platonico contra a classificação que nem todos consideram justa.

Proximo das 13 horas, os estudantes em grupo, á frente as senhoras envergando as suas blusas de trabalho, entravam pela sala com grandes braçadas de flores com que cobriram o cavallete sobre que assenta o *Infante* de